

TECNOLOGIA E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Karina de Oliveira Fialho¹, Fabiana Cristina Teixeira²

Resumo: A presente pesquisa pretende possibilitar uma discussão psicanalítica entre o mal-estar e a tecnologia na hipermodernidade. Partindo da célebre obra freudiana “O mal-estar na civilização”, datada de 1930, discute-se de que modo conceitos psicanalíticos como sublimação e fantasia se configuram na atualidade e como se relacionam com a tecnologia. Este trabalho possui o intuito em problematizar conceitos psicanalíticos a meios utilizados pelo indivíduo na hipermodernidade. Consta-se assim, que o homem busca diversas formas por meio de desenvolvimentos culturais a tentativa em obter a satisfação plena, isto é, a tentativa em aplacar a sua falta estrutural, esse utiliza-se assim mecanismos psíquicos, que são manifestados a partir da operacionalização dos meios tecnológicos.

Palavras-chave: Tecnociência, psicanálise, hipermodernidade.

Introdução

O termo ciência provém da língua Latina cuja origem se procede da palavra *Scientia*, que significa conhecimento. Assim, essa palavra foi-se utilizada para definir o conjunto de conhecimentos humano. Assimila-se a essa também a compreensão, de ser um conjunto estruturado de conhecimentos abstratos e racionais, a fim de descobrir princípios e leis universais referentes aos fenômenos naturais. A partir disso, apreende-se que essa – ciência – surgiu a cerca de 250 mil anos atrás, se desenvolvendo e expandindo desde então por todas as civilizações, além de se tornar no século XX, um elemento de âmbito universal (ROSA, 2012).

¹ Graduando em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: kharinafialho@gmail.com

² Docente do curso de Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: fabicteixeira@hotmail.com

Após essa etapa de desenvolvimento da ciência, funda-se a tecnologia, compreendida enquanto um conjunto de conhecimentos científicos, no qual possui intuito em promover melhoria de bens ou serviços, bem como possibilita o controle e a modificação do mundo. Assim sendo, a tecnologia foi sendo definida a partir de diversas maneiras, como o desenvolvimento de algumas correntes, segue-se assim dois tipos; a tecnologia compreendida como processo operacional, ou seja, considera-se tecnologia, tudo aquilo que exige-se uma produção, tanto a serviços quanto produtos, podendo a tecnologia também ser assimilada de modo mais restrito, referindo-se a somente produções de bens, independente da instrumentalização utilizada (VAZ; FAGUNDES; PINHEIRO, 2009),

Posto isso, considera-se pertinente realizar uma explanação acerca do conceito de mal-estar, esse diz respeito ao desconforto que é ocasionado a partir das renúncias pulsionais, no qual todo e qualquer sujeito pertencente ao meio social se encontra frente a imposições, visto que essa renúncia parte devido leis, regras que são internalizadas no Supereu. Assim, essas renúncias referem-se especificamente a dois grandes sacrifícios para o sujeito, o amor sexual e as pulsões agressivas. No entanto, por serem dois grandes sacrifícios para o sujeito, esse só se consentiria com tal renúncia, o que contrapõe a sua finalidade de vida a felicidade, a partir de uma compensação, identificada enquanto a segurança. Portanto, por identificar essa finalidade do sujeito, a busca pela felicidade, apreende-se que esse buscará obter a ausência de dor, desprazer e desfrutar de grandes prazeres, o que identifica-se enquanto deslocamentos da libido, a sublimação e a fantasia, termos estes que serão analisados e correlacionados a tecnologia. Consta-se que os meios tecnológicos são utilizados enquanto uma possível tentativa para evitar o mal-estar, tendo em vista que frente ao sofrimento, desamparo da condição humana, sentimento de incompletude, o que remete a falta estrutural, o meio cultural sempre buscará meios para tentar aplaca-lo. A partir disso, o presente trabalho intenta problematizar conceitos freudianos a utilização de meios tecnológicos aderidos pelo sujeito envolto na sociedade contemporânea.

Material e Métodos

Parte-se da explanação, primordialmente, da postulação realizada por Sigmund Freud acerca da noção de mal-estar em sua ilustre obra intitulada “Mal-estar na Civilização” (1930), bem como a elucidação de conceitos psicanalíticos como sublimação e fantasia, salientando como esses se caracterizam e se relacionam com a tecnologia. Sendo assim, considerou-se pertinente realizar o levantamento bibliográfico a partir da obra “Estilo e Modernidade” (1997) do autor Joel Birman que contempla um arcabouço considerável sobre o tema abordado por Freud acerca do mal-estar, levantando novas considerações e complementações de suma importância para a vasta discussão sobre o tema. A partir dessa consideração, selecionou-se alguns artigos enquanto complementação à discussão, sendo eles: “A fascinação pelo resto: o hiper mal-estar na tecnociência” (PINHEIRO; CARVALHO, 2013), “O surgimento da ciência, tecnologia e sociedade (CTS) na educação: uma revisão” (VAZ; FAGUNDES; PINHEIRO, 2009), “Her: um encontro em tempos de amores líquidos” (TEIXEIRA, SALOME; MOREIRA, 2017), além do texto “História da ciência: da antiguidade ao renascimento científico” (ROSA, 2012) que contempla um compêndio sobre o contexto histórico do surgimento da tecnologia.

Neles, observa-se a construção do tema do mal-estar, sublimação, fantasia, e tecnologia, o que possibilita a construção de hipóteses acerca da articulação desses. A análise desses conceitos parte, portanto, de revisão bibliográfica, com tratamento conceitual a partir dos próprios termos da psicanálise freudiana articulando-os a novas considerações realizadas por estudiosos contemporâneos.

Resultados e Discussão

Birman (1997, p.83-84) afirma que quanto mais há o desenvolvimento da civilização, mais se produzirá o mal-estar no ser humano, fato esse que é ocasionado por exigir do sujeito uma

renúncia pulsional, na qual propícia o surgimento da culpa no indivíduo, conseqüentemente o sujeito aceita o que a civilização lhe impõe na tentativa de evitar a condição de desamparo. Para chegar a esse ponto postulado, anteriormente é necessário explicitar alguns fundamentos teóricos como a epistemologia de Freud acerca das pulsões, cuja compreensão parte da noção do mal-estar referir-se ao desconforto ocasionado pelas renúncias pulsionais.

A partir disso, Freud (1930) aponta que o mal-estar diz respeito ao incômodo gerado devido as renúncias pulsionais, esse denota duas significativas renúncias como: o amor sexual e as pulsões agressivas. Essas são abdições que a civilização exige do sujeito por meio de regras, leis e normas, as quais são internalizadas no Supereu. Nota-se assim, que as pulsões sexuais são sublimadas ou disponíveis, sendo modificadas à princípios coletivos, quanto as pulsões agressivas, essas são introjetadas retornando para o Eu, sendo acolhidas pelo Supereu. Diante isso, é direcionado ao Eu a mesma agressividade que o sujeito possuía, mas com a finalidade em direcionar aos ouros, o que identifica-se enquanto consciência de culpa. Desta maneira, observa-se que é exigido do homem grandes sacrifícios como o amor sexual e os instintos agressivos, o que se contrapõe a finalidade de vida do mesmo, a felicidade. Assim sendo, o homem consentiu com essas restrições a fim de obter segurança, isto é, permitiu em troca de uma compensação (FREUD, 1930, p.52,59).

Posto isso, compreende-se que ser humano busca a felicidade, se tornar e permanecer nessa posição, ao passo que para obter esse estado há duas metas, na qual uma possui o intuito de obter a ausência de dor e desprazer, e a outra a experiência de grandes prazeres. Sendo assim, a finalidade da vida é estabelecida pelo princípio do prazer, a qual o prazer impõe a finalidade de ser feliz – tarefa essa do campo da impossibilidade –, tendo em vista que não há maneira pela qual aplacar a falta estrutural, mas mesmo diante esse fato o sujeito não é capaz de cessar sua busca pela realização da mesma. Devido à prevalência dessa busca, encontram-se algumas maneiras de afastar o sofrimento, uma delas refere-se

ao deslocamento da libido, denominado sublimação, na qual ocorre um deslocamento das metas dos instintos de tal maneira, que consegue-se evitar a frustração e obter certo prazer (FREUD, 1930, p.20,24,27). Outra maneira diz respeito ao conceito de fantasia, essa refere-se a uma tentativa de amenizar a demasiada necessidade de satisfação da pulsão, ou seja, a fantasia é uma maneira de satisfação particularizada da pulsão. O seu intuito é incidir sob a sexualização da pulsão, compreendida como pulsão de morte, uma vez que percebe-se que toda pulsão diz de uma pulsão de morte, pois busca sempre até mesmo no objeto sexual, o objeto impossível da pulsão (*das Ding*). Assim, o *das Ding* pode ser entendido enquanto o lugar da verdade e o objeto *a* diz respeito aquele que fornecerá o caráter de sedução para qualquer objeto escolhido para possibilitar a satisfação, por isso é compreendido que o objeto *a* possui um teor sedutor na fantasia enquanto causa de desejo. Portanto, a fantasia conserva o sujeito na alienação, na qual esse se encontra entre seu significante-mestre e a verdade do gozo. Logo, o Eu que está identificado ao significante-mestre não possui conhecimento do seu desejo inconsciente que está vinculado à fantasia, que o mantém em uma ilusão de plenitude e autonomia. Dessa maneira, a fantasia conserva o sujeito na alienação cujo sujeito se encontra entre seu significante-mestre e a verdade do gozo (PINHEIRO; CARNEIRO, 2013),

Observa-se assim, que só há uma relação do sujeito com a verdade, essa se dá pela castração. Assim, essa castração mantém a capacidade simbólica da organização do desejo, na qual preserva sempre dois significados para o sujeito na fantasia. Desse modo, a verdade pela via da fantasia possui intuito de tampar o falta-a-ser do indivíduo, o que nunca se procede, conseqüentemente na fantasia o objeto causa desejo consecutivamente. Posto isso, apreende-se que o sujeito coloca a tecnociência em lugar de seu mestre, para que assim possa ter algo que preserve sua completude e o auxilie a fugir das conseqüências da pulsão de morte, bem como se livrar da falta estrutural (PINHEIRO; CARVALHO, 2013).

Partindo desse pressuposto acrescenta-se a afirmação apontada por Teixeira, Salome e Moreira (2017), no qual observa-se

que o sujeito contemporâneo em sua relação com a tecnologia cujo intuito é a tentativa em evitar o sofrimento, esse é acometido pelo mesmo desamparo sempre presente. Desse modo, apreende-se que a tecnologia fornece uma ilusão acerca da suspensão do desamparo, contudo essa oferta não passa de somente uma ilusão.

Em suma, conforme Freud (1930), os avanços culturais é uma forma do ser humano se colocar na posição de um Deus, ao que remete a imortalidade ou ainda alguém que não é afetado pelo desprazer. O que é identificado na seguinte frase (p.34) “Épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura, aumentarão mais ainda a semelhança com Deus”. O que pode ser reconhecido hoje como a maior base de suma significância para o funcionamento do mundo, a tecnociência.

Considerações Finais

Observa-se que o ser humano possui em si uma ânsia para ultrapassar os seus limites, tanto do seu físico quanto de sua própria natureza, e sua tentativa parte-se por meio da ciência. Identificou-se que o homem buscaria diversas formas a partir de desenvolvimentos culturais a fim de tentar obter a sensação de imortalidade, o que consta-se atualmente como a tecnociência. Portanto, a tecnociência pode ser identificada como uma demasiada resistência do sujeito contra si próprio, isto é, os meios tecnológicos atuam no intuito de aplacar a falta, o desamparo humano, uma vez que a ausência de limites e a noção de curto prazo, que essa remete, refere-se a tentativa de satisfação e logo uma tentativa de ausência acerca qualquer tipo de desconforto. Observa-se ainda, que frente a dor ou desprazer, que remetem a falta, o sujeito possui seus meios psíquicos para afastar esses, possuindo o intuito em obter a satisfação plena, ou comumente conhecida como felicidade, podendo ser identificadas enquanto os mecanismos de sublimação e fantasia, que vinculam-se aos meios tecnológicos identificados enquanto tentativa em promover uma solução ao mal-estar do sujeito e para sua cultura, no entanto esses não possuem a capacidade de possibilitar a satisfação plena tão almejada, tendo em vista que essa

jamais será aplacada – diz-se de uma falta estrutural –, o que nos deixa um questionamento; quais serão os próximos meios utilizados na busca pela satisfação plena?

Referências Bibliográficas

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. Editora 34, 1997.

FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros Textos–Obras Completas Vol. 18. **São Paulo: Companhia das Letras. 2010a**, 1930.

PINHEIRO, R; CARNEIRO, H. F. A fascinação pelo resto: o hiper mal-estar na tecnociência. **Tempo psicanalítico**, v. 45, n. 2, p. 419-438, 2013.

ROSA, C. A. P. História da ciência: da antiguidade ao renascimento científico. **Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília**, v. 1, p. 21-28, 2012.

TEIXEIRA, C. F; SALOMÉ, F. F. A. S; MOREIRA, O. J.. Her: um encontro em tempos de amores líquidos. In: LIMA, De Laguárdia Nádia et al. Juventude e Cultura Digital Diálogos Interdisciplinares. Belo Horizonte: Artesã, 2017. p. 95-99, 103-104.

VAZ, C. R; FAGUNDES, A. B; PINHEIRO, N. A. M. O surgimento da ciência, tecnologia e sociedade (CTS) na educação: uma revisão. **Anais do I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia, Curitiba**, 2009.